

O MINISTÉRIO FEMININO: UMA REFLEXÃO

por

Alan Rennê Alexandrino Lima

I – INTRODUÇÃO

O presente trabalho circunda por um assunto que tem sido motivo de amplas discussões no meio evangélico, principalmente nas igrejas evangélicas brasileiras. A problemática gira em torno do ministério feminino e seus respectivos desdobramentos, incluindo a ordenação de mulheres ao sagrado ministério da Palavra, ao presbiterato e ao diaconato, com o propósito de ensinarem e exercerem o ensino na Igreja do Senhor Jesus.

Neste opúsculo serão observadas e devidamente comparadas as opiniões de eruditos que se afadigaram nessa discussão, com base no que afirmam as Sagradas Escrituras nas passagens de 1 Timóteo 2:11-15; 1 Coríntios 11: 1-16; 14:33b-38. Os principais expoentes que terão as suas idéias analisadas são: Augustus Nicodemus Lopes (*Ordenação de Mulheres: O Que Diz O Novo Testamento*), George W. Knight III (*Homem e Mulher: Suas Atribuições*), John Piper e Wayne Grudem (*Homem e Mulher: Seu Papel Bíblico no Lar, na Igreja e na Sociedade*). O objetivo de tal inquirição é o de chegar a uma opinião devida acerca de tão polêmico assunto.

A fim de se atingir tal objetivo será feita uma comparação entre os pontos de concordância e também de discordância dos estudiosos citados. Feito isso, será estabelecida uma reflexão pessoal, que evidenciará a convicção do autor do presente trabalho.

II – PONTOS CONGRUENTES

A priori, os autores supracitados são unânimes na afirmação de que as mulheres sempre tiveram participação ativa na história da igreja cristã. Entretanto, tal participação sempre sofreu restrições. Convém citar parte das

declarações destes autores que evidenciam o que foi afirmado: “o Novo Testamento coloca alguma restrição ao ministério de mulheres? Desde os primeiros dias da igreja apostólica, a maioria dos cristãos sinceros tem crido assim... *As mulheres não devem ensinar ou ter autoridade sobre os homens*” (Piper e Grudem, p. 53, 54); “*O que é proibido é ensinar e ter autoridade. A proibição não é que a mulher não possa ensinar a ninguém (cf. Tito 2:3-4), mas sim que, dentro da igreja ela não pode ensinar e ter autoridade sobre o homem*” (Knight, p. 26); “Elas (as mulheres), por seu turno, não eram permitidas ensinar os homens com essa autoridade, nem exercê-la nas igrejas sobre eles, porém, deviam submeter-se em silêncio...O ensinar que Paulo proíbe é aquele em que a mulher assume *uma posição de autoridade eclesiástica sobre o homem*” (Nicodemus, p. 45, 50). Todos os estudiosos afirmam que a mulher não pode exercer autoridade sobre o homem, seja no ensino ou na administração da igreja. E as razões que apresentam são as explicitadas na passagem de Timóteo: a ordem da criação (o homem foi criado primeiro) e a inversão de papéis no episódio da Queda com as suas conseqüências (Eva foi iludida). Acerca do ensino, eles também afirmam que há lugar para essa atividade por parte das mulheres. Contudo, a natureza de tal ensino será inquirida quando das divergências existentes entre eles.

Isto também é corroborado pelas interpretações dispensadas à passagem de I Coríntios 11.1-16, onde os estudiosos são unânimes em afirmar que Paulo proíbe as mulheres de intentarem exercer autoridade ou demonstrar independência dos seus maridos (Piper e Grudem, p. 56), pois o fato delas trazerem as suas cabeças descobertas era um indicativo de que estavam tentando ser independentes. Assim sendo, elas deveriam usar o véu como um símbolo de submissão à autoridade do homem (Nicodemus, p. 31; Knight, p. 29). O princípio para as restrições impostas por Paulo não reside no episódio da Queda, mas naquilo que vem antes, ou seja, a Criação do homem e da mulher. Muito menos reside numa questão cultural como

algumas pessoas querem sugerir. O fato de Paulo argumentar com base na Criação dá o subsídio para tais restrições se estenderem até a presente época.

III – PONTOS DIVERGENTES

Como toda elucubração, a que gira em torno do ministério feminino, na perspectiva dos autores supramencionados não apresenta uma uniformidade. Apesar de existirem pontos de concordância entre eles, pode ser asseverado que o oposto também é verdade. Podem ser verificados alguns pontos de divergência na argumentação desses eruditos. Seguem as mais significativas.

Primeiramente, foi afirmado supra, que Paulo não permitia o exercício do ensino por parte da mulher aos homens da igreja. Isso os autores em questão concordam. Eles concordam também que, apesar delas não poderem ensinar aos homens há um lugar para o ensino por parte das mulheres, ou seja, elas não são de todo excluídas dessa atividade. Contudo, eles divergem acerca da natureza desse ensino desempenhado pelas mulheres. Por exemplo, Augustus Nicodemus afirma que, a proibição de Paulo não permite que a mulher ensine imbuída do múnus do ofício pastoral, ou seja, ele a proíbe de ensinar em *posição oficial de autoridade* (p. 49). Ela pode ensinar, desde que o faça debaixo da autoridade do homem; George Knight III restringe o ensino por parte das mulheres unicamente umas às outras e também a crianças, com base no ensinamento do apóstolo Paulo na epístola dirigida a Tito, capítulo 2:3-4. Tais ocasiões são as únicas possibilidades da mulher se engajar no ensino (p. 37). Já John Piper e Wayne Grudem vão mais além, quando afirmam que a natureza do ensino proibido por Paulo é o da *pregação*. Eles argumentam que, isso inclui o ensino da Bíblia e da doutrina na igreja, em faculdades e em seminários. Mas eles deixam em aberto a possibilidade da mulher dirigir estudos bíblicos, isso vai depender, segundo eles, da maneira como isso é feito (p. 59).

Em suma, para Nicodemus, Piper e Grudem a mulher pode ensinar na igreja. Não obstante, isso deve ser feito debaixo da autoridade do homem, i.e., da autoridade eclesiástica competente. Já para Knight III, não existe respaldo bíblico para isso. Essa é com certeza, a divergência mais significativa.

IV – CONCLUSÃO

Após observar a argumentação em torno das restrições impostas ao ministério por parte das mulheres, convém agora, que o autor do presente trabalho apresente a sua opinião pessoal acerca de tão polêmico assunto.

Levando em conta tanto os pontos congruentes como os divergentes apresentados no escopo do trabalho pelos eruditos do Novo Testamento. Esposa-se aqui, com ampla satisfação, a posição apresentada por George W. Knight III, onde o mesmo deixa sem a mínima possibilidade o ensino e o exercício da autoridade das mulheres sobre os homens. Seus argumentos são bastante conclusivos. À mulher não é permitido nem o ensino aos homens da igreja, nem o exercício de autoridade. Mas, por que as mulheres não podem ensinar? Ora, o próprio ato de ensinar constitui à pessoa que o faz certa autoridade sobre aquele que é ensinado. Além do mais, o ato da Criação é muito significativo para essa questão. De acordo com o erudito William Hendriksen, “a tendência de seguir foi incorporada à própria alma de Eva quando ela saiu das mãos de seu Criador. Daí não seria correto inverter essa ordem em relação ao culto público... Seu próprio corpo, longe de preceder o de Adão na ordem da criação, foi tomado do corpo de Adão. Seu próprio nome – *Ish-sha*, derivou-se do nome do homem – *Ish* (Gn 2.23)”.¹ Além disso, a mulher se demonstrou mais suscetível ao engano, como no caso de Eva, a qual serve de paradigma para todas as épocas. É um exemplo daquilo que deve ser evitado. O padrão de liderança estabelecido por Deus não pode ser invertido. Isso se prova pelo fato de que, quando a mulher exerceu a liderança

¹ William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento: 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*, (São Paulo: Cultura Cristã, 2001), 141.

sobre o seu marido o pecado adentrou ao mundo. Hendriksen chama a atenção para o fato de que Eva guiou, quando deveria ter sido guiada. Ela guiou o homem rumo ao pecado, quando deveria ter sido guiada por ele no caminho da retidão e da obediência.²

Diante disso, o mandamento dado pelo apóstolo Paulo, de forma inspirada é válido também para a nossa época e sociedade. A mulher deve aprender em silêncio. A única forma de ensino por parte da mulher a ser esposada pelo autor do presente trabalho é o ensino para outras mulheres e para as crianças da igreja. Isso juntamente com outras atividades também mencionadas por George Knight, como por exemplo, o estímulo às esposas dos diáconos a se envolverem nas obras de assistência e misericórdia aos pobres. O que, aliás, já vem sendo desenvolvido pela SAF da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Conclui-se com brado dado por Hendriksen: “Que a filha de Eva não ensine, não governe e nem dirija quando a congregação se reúne para o culto público. Que aprenda, não ensine; que siga, não dirija”.³

² Ibid, 142.

³ Ibid.